



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

O ROLE PLAYING GAME - RPG COMO FERRAMENTA METODOLÓGICA PARA O ENSINO DA CARTOGRAFIA

Ricardo Aleph de Benedictis*****
(UESB)

Andrecksia Viana Oliveira Sampaio+++++++
(UESB)

RESUMO

A Geografia escolar tem servido para mostrar aos alunos sua importância como sujeitos históricos e parte da construção espacial. Em meio as dificuldades no ensino e aprendizagem da Geografia, ressalta-se o ensino da Cartografia e a responsabilidade em atentar-se para a alfabetização Cartográfica. Para amenizar esses desafios, cabe ao professor recorrer a metodologias que venham tornar o ensino mais motivador. Acredita-se que a prática lúdica, como é o caso do jogo *Role Playing Game* (RPG), possa ser caminho que amplie o interesse dos alunos e auxilie no processo de ensino e aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino e aprendizagem, Cartografia, Geografia.

INTRODUÇÃO

O presente artigo ainda se expressa como uma pesquisa em andamento do trabalho de conclusão de curso em Geografia que tem como objetivo abordar o jogo de *Role Playing Game* (RPG) como recurso pedagógico para a prática de ensino em

*Graduando em Licenciatura Plena de Geografia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, aleph@uesb.edu.br

** Doutora em Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Membro do Grupo de Pesquisa Espaço, Memória e Representações Sociais, CNPq, Orientadora da pesquisa em andamento intitulada: o *Role Playing Game* - RPG como ferramenta metodológica para o ensino da cartografia, viladea@yahoo.com.br

+++++++



Cartografia, como uma ferramenta que auxilie no ensino e aprendizagem, tornando os conceitos cartográficos e o uso do mapa ainda mais próximos dos alunos.

Este artigo apresenta três momentos de discussão teórica: o primeiro momento apresenta o surgimento da Geografia escolar e sua importância na grade curricular. No segundo momento, aborda sobre o objetivo da Geografia dentro do espaço escolar, dando atenção também a própria escola e as dificuldades encontradas ao longo do percurso do processo de ensino e aprendizagem, enfatizando a importância de recorrer para inovações na prática pedagógica no intuito de encontrar metodologias que despertem o interesse dos alunos. Por fim, o terceiro momento, retrata o ensino da Cartografia e a preocupação com a alfabetização dos alunos em respeito da leitura dos mapas. Nesse contexto, apresenta-se alguns desafios encontrados e é sugerido o uso do RPG como possibilidade no auxílio para essa alfabetização.

Apesar desses três momentos abordar nesse artigo somente uma discussão teórica, estará servindo de base para o desenvolvimento da pesquisa.

A Geografia - serve, antes de mais nada, para fazer a guerra... Será?

Atualmente, conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a Geografia é uma das disciplinas básicas existentes no projeto pedagógico e divide espaço com outras ciências da educação.

Segundo Lacoste (1988, p. 21), todos acreditam que a disciplina é apenas um campo de estudo voltado exclusivamente ao âmbito escolar e universitário servindo somente para descrever o mundo. Porém, a ciência é muito mais do que uma descrição global. Lacoste (1988) não afirmou que a Geografia serve somente para os planejamentos militares, mas que o objetivo mais antigo dessa ciência estava voltada para arte da guerra, e hoje sua utilidade está muito além, como por exemplo, a organização territorial. A razão para Geografia se dividir em duas: a do Estado e a dos Professores, está no reconhecimento da ciência na arte da guerra. A Geografia é um conhecimento estratégico e sobre isso Lacoste afirma:



A geografia é, de início, um saber estratégico estreitamente ligado a um conjunto de práticas políticas e militares e são tais práticas que exigem o conjunto articulado de informação extremamente variadas, heteróclitas à primeira vista, das quais não se pode compreender a razão e ser e a importância, se não se enquadra no bem fundamentado das abordagens do Saber pelo Saber. São tais práticas estratégicas que fazem com que a geografia se torne necessária, ao Chefe Supremo, àqueles que são os donos dos aparelhos do Estado. Trata-se de uma ciência? Pouco importa, em última análise: a questão não é essencial, desde que se torne consciência de que a articulação dos conhecimentos relativos ao espaço, que é a geografia, é um saber estratégico, um poder (LACOSTE, 1988, p. 23).

Para que o Estado tenha controle da organização espacial do território e, também para a guerra, faz uso do conhecimento da Geografia referente aos assuntos sociais, econômicos, políticos, demográficos e físicos. A utilização do satélite é um exemplo do instrumento de poder do Estado, tal como as análises geográficas que os detentores do capital fazem no território para saber onde serão feitos investimentos do regional ao global, enfim, *modus operandis* ligados as práticas militares, podendo ser definida como "a Geografia dos Estados-Maiores" (LACOSTE, 1988). Por isso a razão de se ter essa divisão da ciências entre os conhecimentos que ficarão com os detentores do poder e os que ficarão com a massa populacional. Segundo Lacoste:

[...] de origem antiga, a geografia dos Estados-Maiores, é um conjunto de representações cartográficas e de conhecimentos variados referentes ao espaço; esse saber sincrético [e claramente percebido como eminentemente estratégico pelas minorias dirigentes que o utilizam como instrumento de poder (LACOSTE, 1988, p. 31).

A outra Geografia que se faz referência é a dos professores, nascida muito depois da Geografia dos Estados-Maiores, mais precisamente, no século XIX. Sobre ela Lacoste ressalta:

A outra geografia, a dos professores, que apareceu há menos de um século, se tornou um discurso ideológico no qual uma das funções inconscientes, é a de mascarar a importância estratégica dos raciocínios



centrados no espaço, Não somente essa geografia dos professores é extirpada de práticas políticas e militares como de decisões econômicas [...], mas ela dissimula, ao olhos da maioria, a eficácia dos instrumentos de poder que são as análises espaciais. Por causa disso a minoria no poder tem consciência de sua importância, é a única a utilizá-las em função dos seus próprios interesses e este monopólio do saber é bem mais eficaz porque a maioria não dá nenhuma atenção a uma disciplina que lhe parece tão perfeitamente "inútil" (LACOSTE, 1988, p. 31).

A Geografia dos professores nasce na Alemanha no fim do século XIX e depois se estende para a França. Em sua formação como ciência, a disciplina ganha um aspecto mais pedagógico. No ano de 1976, Lacoste expõe suas críticas sobre a finalidade da Geografia, portanto naquele contexto, o ensino estava voltado para abordagem tradicionalista, diferente do que há atualmente com as novas abordagens do ensino e aprendizagem. Desse modo, é possível compreender quando ele afirma que a Geografia não possui aplicação prática fora do sistema de ensino. Uma declaração questionável, atualmente, dado a importância que a disciplina exerce sobre os estudantes a respeito do seu lugar, no mundo como sujeitos históricos e a influência que exercem no local e global.

Para Damiani (2003), a Geografia tem uma finalidade essencial na produção espacial, pois, na compreensão do espaço é possível entender a rede de relações na qual o Ser está inserido. Assim, a disciplina precisa ir além da institucionalização, sem abrir mão dos conhecimentos adquiridos ao longo de sua construção científica. Ainda, segundo a autora:

A configuração e o sentido do ensino e da pesquisa não podem depender da vontade particular, isolada, própria dos pesquisadores e professores, mas de sua sensibilidade para captar o que a sociedade inteira oferece como possibilidade, como ruptura à estrutura da reprodução. Sua ação envolve um plano imediato, o do processo educativo cotidiano, e um plano mais amplo, o da elaboração científica e filosófica, da teoria e da pesquisa. Desta forma, o ato educativo de um país se completa, guardando marcas da experiência vivida, conscientizada, pensada, para as próximas gerações (DAMIANI, 2003, p. 54).



Cavalcanti (1998) se atenta para as características espaciais nas práticas sociais, ou seja, o espaço interfere no homem, que por sua vez altera o espaço, existindo portanto, uma dialética entre o homem e espaço. No que diz respeito ao ensino da Geografia, Cavalcanti afirma:

[...]o ensino de Geografia deve visar ao desenvolvimento da capacidade da apreensão da realidade do ponto de vista da sua espacialidade. Isso porque se tem a convicção de que a prática da cidadania, sobretudo, nesta virada do século, requer uma consciência espacial.[...] A finalidade de ensinar Geografia para crianças e jovens deve ser justamente a de os ajudar a formar raciocínios e concepções mais articulados e aprofundados a respeito do espaço.[...] A participação de crianças e jovens na vida adulta, seja no trabalho, no bairro em que mora, no lazer, nos espaços de prática política explícita, certamente será de melhor qualidade se estes conseguirem pensar sobre seu espaço de forma mais abrangente e crítica (CAVALCANTI,1998,p.24)

Muitas são as contribuições e definições que atribuem aos objetivos da Geografia, entre elas estão as metas traçadas pelo Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que procura atender de forma mais abrangente as questões do meio escolar. Conforme o PCN (1998, p.35), ao concluir o período escolar espera-se que os alunos conheçam as categorias de análise da Geografia, identificando suas relações e contradições, além de compreender o uso da linguagem gráfica para representação espacial dos fenômenos. E ainda:

[...] conhecer o mundo atual em sua diversidade, favorecendo a compreensão, de como as paisagens, os lugares e os territórios se constroem; identificar e avaliar as ações dos homens em sociedade e suas conseqüências em diferentes espaços e tempos, de modo que construa referenciais que possibilitem uma participação propositiva e reativa nas questões socioambientais locais; conhecer o funcionamento da natureza em suas múltiplas relações, de modo que compreenda o papel das sociedades na construção do território, da paisagem e do lugar; compreender a espacialidade e temporalidade dos fenômenos geográficos estudados em suas dinâmicas e interações; compreender que as melhorias nas condições de vida, os direitos políticos, os avanços tecnológicos e as transformações socioculturais são conquistas ainda



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

não usufruídas por todos os seres humanos e, dentro de suas possibilidades, empenhar-se em democratizá-las (PCN, 1998, p. 35).

A Geografia tem como objetivo ensinar o homem a ler o mundo como realmente é, auxiliando na construção do cidadão, o fazendo reconhecer como sujeito histórico do espaço. Contudo, dentro da própria ciência geográfica há diversas áreas de estudos como: ensino, urbano, agrário, epistemologia, física, regional e cartografia. E dentro de cada área há mais subdivisões que atendem, por exemplo, os seguintes campos de estudos: economia, política, climatologia, entre outros, sem deixar de ressaltar as diversas correntes filosóficas como: Determinismo, Possibilismo, Positivismo, Pragmatismo (Teórica ou quantitativa) e Marxismo (ou crítica). Logo, percebe-se que a ciência geográfica é bastante rica de conteúdos e objetivos, porém, a Geografia Escolar tem como pauta, iniciar essa base do entendimento, ajudando na formação do conhecimento e compreensão dos conceitos básicos inerentes a disciplina.

A GEOGRAFIA ESCOLAR

A escola exerce grande importância no meio social, pois tem o importante papel de instruir a comunidade com base nos valores e ritos sociais. Para o capital, como seria possível seu desenvolvimento sem que houvesse os sujeitos sociais devidamente instruídos?

Ao mesmo tempo que o ensino é essencial para o capital é importante para mudanças sociais e conquistas populares. De acordo com as afirmações de Vesentini (2003), ao considerar que o sistema capitalista é contraditório, não há como existir uma separação entre a libertação e a dominação, assim sendo, percebe-se a importância que a disciplina geográfica exerce no ensino.

De acordo com Cavalcanti (1998), o ensino de Geografia tem a missão de tornar favorável ao aluno a concepção do espaço, em sua totalidade e contradições, relevando-se por meio de sua estrutura física, histórica, cultural. É fundamental que essa disciplina



traga reflexões do cotidiano, afinal, as relações existentes no mundo são inconstantes, uma vez que são dinâmicas e exercem mudanças no espaço.

Na realidade atual, no que diz respeito a disciplina Geografia, é preciso recorrer a métodos pedagógicos mais coerentes com a realidade. O professor precisa trazer os temas da Geografia para perto da realidade do aluno, mas como fazer para conhecer a realidade de cada um? É necessário ficar atento a comunidade na qual a escola está inserida, afinal, boa parte dos estudantes do local serão atendidos pela escola ali instalada. Quanto a isso Kimura alerta:

[...] quando se diz que a escola não está isolada do contexto no qual ela se encontra, é necessário destacar a sua relação direta com a família, com a comunidade local na qual ela se insere e com a sociedade em geral da qual ela é integrante (KIMURA, 2008, p.29).

Afinal, a escola é um espaço formado por diversas pessoas como gestores, professores, alunos, pais, e a comunidade.

Porém, ao sair do campo teórico e partir para prática, o professor se depara com dificuldades, como as condições precárias de algumas escolas, a falta de recursos, má gestão, entre outras. Dessa maneira, não se pode culpar somente a disciplina e a formação dos professores nas dificuldades da aprendizagem escolar. É como Kimura informa:

A disciplina escolar é um tema de grande complexidade que não pode permanecer no âmbito das análises centralizadas apenas nas atribuições de responsabilidades do trabalho docente e da organização escolar [...] É indispensável que se faça uma análise do contexto da sociedade hoje, sem a qual permaneceremos no âmbito das simples responsabilizações. Se estas devem vir à baila, não são suficientes, e quem vive o cotidiano escolar é testemunha da precariedade de uma discussão nesse patamar. Assim, também, é insuficiente permanecer nas análises da reprodução social, embora seja necessário que sejam levadas em conta para a compreensão das questões relacionada com a disciplina escolar (KIMURA, 2008, p.31).



Apesar de haver os empecilhos, em alguns lugares ainda encontram-se tanto na figura do professor como na escola, comportamentos de autoridade que tendem a não serem bem aceitos pelos alunos que acabam encontrando meios para se expressarem, normalmente, através de rebeldia, depredando a escola, respostas ofensivas, podendo até mesmo chegar a expressões mais hostis. O próprio educador, não em maioria, também acaba representando comportamento semelhante, dando a entender que a sala de aula vem se tornando um campo de guerra entre professores e alunos. Contudo, Kimura ainda coloca:

O tratamento que a escola dispensa aos casos considerados como indisciplina é, por vezes, o de não se posicionar diante dos mesmos, como se estivesse omitindo-se. Da mesma maneira, também são apontadas as responsabilizações do professor por uma eventual inabilidade na condução e desenvolvimento das aulas [...] Tanto a condução autoritária da escola como a recusa em intervir na organização escolar desempenham, sem dúvida, um papel relevante na existência da indisciplina escolar. Embora seja necessário que as duas sejam vistas em sua relatividade, o que costuma ser afirmado é que a escola e o professor são inadequados para o aluno do Ensino Fundamental hoje. A denominada indisciplina escolar costuma ser acompanhada por aprendizagem de alguma maneira problemáticas, constituindo assim o chamado fracasso escolar (KIMURA, 2008, p. 32 e 33).

Os aspectos culturais e econômicos dos alunos, assim como seu contexto social, expressam-se no ambiente escolar, o que contribui para os desafios encontrados pelas escolas e professores, os quais são, na maioria das vezes, atribuídos a culpa, por parte da sociedade. O que ninguém percebe que estes, do mesmo modo, são reflexos da sociedade atual. Diante de tantos desafios e contra-tempos, como fazer para que o ensino de Geografia se torne uma disciplina atrativa aos alunos podendo, assim, auxiliá-los nas construções dos conceitos?



Diferente do que o ensino Tradicional aponta, o aluno é um sujeito ativo, afinal, faz parte do processo da aprendizagem, tal como o professor que tem importância na contribuição da formação do conhecimento. Desse modo, os dois precisam caminhar em conjunto diante a construção do saber. Segundo Cavalcanti:

Em síntese, no processo de ensino/aprendizagem há uma relação de interação entre sujeito (aluno em atividade) e objetos de conhecimento (saber elaborado) sob a direção do professor, que conduz a atividade do sujeito ante o objeto, para que possa construir seu conhecimento (CAVALCANTI, 1998, p.139).

Em todo caso, sabendo que a construção de conceitos é fundamental para formação do aluno na sua vida diária, o professor precisa encontrar meios de tornar o ensino de Geografia mais interessante, elaborar metodologias que venham conquistar o interesse dos discentes. De preferência, rompendo as aparências do autoritarismo e conquistando o respeito e atenção do público alvo com ações mais atrativas, na tentativa de aproximar professor e aluno, bem como, a relação entre aluno, comunidade e escola. É de grande importância que a escola reflita sobre a realidade local, para que possa compreender de que maneira deve contribuir nos hábitos e tradições da comunidade.

É importante ressaltar também a própria dificuldade no ensino de Geografia, dentre esses desafios estão não só questões relacionados a disciplina do aluno, como também a própria motivação do professor, seja pela carga horária pesada, seja por questões de salário, ou mesmo razões particulares. Essa motivação pode definir as posturas e ações do professor: ou alguém preocupado com planejamento e prática de ensino ou somente mais um que reproduz o livro didático, sem trazer os temas para realidade dos alunos e os envolverem nas discussões de sala de aula.

Contudo, se o ensino da Geografia conta com tantos desafios, por consequência, o ensino da Cartografia acaba encontrando os mesmos problemas, por isso é importante que o processo de alfabetização cartográfica adote meios que venham a facilitar seu



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

entendimento. Afinal, é através da capacidade de ler e interpretar os mapas que a sociedade adquire aptidão para analisar informações importantes ou mesmo para estudo e compreensão do espaço em que vive, dos fenômenos naturais ocorrentes, as modificações ocasionadas pelo homem, permitindo também o uso dessa ferramenta como fato fundamental na organização espacial.

O ENSINO DA CARTOGRAFIA E AS PEDRAS NO MEIO DO CAMINHO...

A Cartografia é um dos recursos da Geografia que exerce grande importância, pois, é por meio dela que a leitura espacial será possível nas mais variadas escalas e configurações, sintetizando os fenômenos e facilitando a localização e orientação em meio a outras finalidades. Existem diversos tipos de mapas para as mais diversificadas situações: topográficos, marítimos, rodoviários, climáticos, entre outros. Contudo, é na Geografia Escolar que as noções da cartografia são introduzidas. Quanto a isso Almeida e Passini observam:

É na escola que deve ocorrer a aprendizagem espacial voltada para a compreensão das formas pelas quais a sociedade organiza seu espaço - o que só será plenamente possível com o uso de representações formais (ou convencionais) desse espaço (ALMEIDA e PASSINI, 2011, p.11).

Ainda conforme Almeida e Passini (2011, p.17) "ler mapas é um processo que começa com a decodificação envolvendo algumas etapas metodológicas as quais devem ser respeitadas para que a leitura seja eficaz". Uma das primeiras coisas a se observar no mapa ao iniciar uma leitura é entender o título, seguido da análise da legenda e compreensão das devidas relações com os símbolos, sem se esquecer da observação feita na escala (gráfica ou numérica) para que se calcule as distâncias.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Assim sendo, Simielli (2007, p.79) alerta "o sucesso do uso do mapa repousa na sua eficácia quanto à transmissão da informação espacial, sendo o ideal dessa transmissão a obtenção, pelo leitor, da totalidade da informação contida no mapa.". Ao se elaborar um mapa, precisa levar em consideração que há vários tipos de leitores e por conta disso precisa se atentar para a objetividade, tal como Almeida confirma:

Considerando que os mapas são meios de transmissão de informação, é preciso preocupar-se com todo o processo de sua confecção, pois ele tem que ser adequado ao usuário a que se destina para não haver lacuna entre o trabalho do cartógrafo e o do leitor do mapa, que deve apreender o máximo das informações transmitidas (SIMIELLI, 2007, p.88).

A carta geográfica é um recurso utilizado por geógrafos e professores, seja para representar a realidade da superfície, seja como instrumento em sala de aula. Entretanto, o mapa utilizado para ensinar, é praticamente um resumo superficial dos mapas geográficos. Oliveira observa (2007, p.18) "o que ocorre é que os pequenos "lêem" os mapas dos grandes, os quais são generalizações da realidade que implicam uma escala, uma projeção e uma simbologia especiais e que não têm significação para crianças".

Uma das problemáticas que se aponta para o uso didático do mapa é o fato do professor fazer uso desse instrumento apenas como arte visual, ensinando o aluno a apenas pintar, copiar, decalcar. Para Oliveira (2007) isso se resume a um modelo tradicional de ensino. Dessa forma, o professor não colabora para construção do entendimento da criança em relação ao espaço, muito menos na alfabetização cartográfica.

Com isso, quando essa criança chega ao ensino fundamental expressa grandes dificuldades em lidar com mapas e ensinar os conceitos básicos tem sido um grande desafio aos discentes, ou seja, a depender da formação do professor, ele acaba contribuindo para essas dificuldades. Lukens e Martins ainda completam:



Cabe a Geografia proporcionar ao educando a aprendizagem da leitura espacial. Mesmo que todo cidadão tenha noções espaciais, é a Geografia em particular a ciência que sistematiza os procedimentos de leitura e escrita da linguagem cartográfica. Desta forma, precisamos deixar para trás o tempo em que, nas aulas de Geografia somente se copiava mapas, pela simples razão de copiá-los. É preciso ir além, buscando uma análise das relações que ocorrem no espaço geográfico, bem como discutir as intenções de que produziu estes mapas (LUKENS e MARTINS, 2012, p.16 e 17).

Quanto a alfabetização Cartográfica, Oliveira (2007, p. 16) ressalta que "[...] os professores não são preparados para "alfabetizar" as crianças no que se refere ao mapeamento". Geralmente, quando utilizam mapa, o fazem de forma apenas expositiva, como um recurso visual, e seu uso não significa saber identificar um rio, estrada ou qualquer outra coisa. Em todo caso, há uma grande discrepância no ensino Cartográfico, é como Lukens e Martins expõem:

[...] existe uma grande defasagem dos alunos que chegam no 1º ano do Ensino Médio, em relação ao domínio da leitura Cartográfica, Embora ainda uma discussão pouco levada a efeito, já existe literatura que retrata esse fenômeno, mostrando que a alfabetização cartográfica deveria acontecer no Ensino Fundamental, mas não tem acontecido ou tem lacunas em seu processo. Observa-se que os alunos não dominam os conceitos, os elementos cartográficos e as técnicas elementares da Cartografia e assim têm grandes dificuldades na leitura e na interpretação de um mapa (LUKENS e MARTINS, 2012, p.2).

Entre outras dificuldades observadas por Lukens e Martins (2012) estão: os conhecimentos dos alunos em relação a escala cartográfica, coordenadas legendas, a falta de recurso (mapas e maquetes); a inexistência de uma laboratório próprio para pratica de ensino da Geografia (em especial, um espaço com recursos destinados à Cartografia) a quantidade de conteúdo para ser ministrado em pouco tempo de carga



horária; livros didáticos com mapas incoerentes com as informações, apesar disso, eles ainda ressaltam a falta de domínio das técnicas cartográficas; o desinteresse e acomodação dos professores; a falta de prática do docente no uso da Cartografia, entre outros.

Diante de tantas adversidades faz-se necessário procurar metodologias de ensino que venha contribuir na alfabetização cartográfica dos alunos. Preocupada como essa problemática, Simielli (2003, p.94) desperta para uma proposta entendendo que alunos da 4ª série não possuem a mesma capacidade de leitura que alunos do ensino médio, resultando na captação de menos informações. Para autora, o mais correto a ser feito é trabalhar com diferentes tipos de mapas, principalmente, nas mais variadas faixas etárias, resguardando aos alunos da 1ª a 4ª do ensino fundamental, a alfabetização cartográfica.

Entretanto, entre os desafios a serem enfrentados no Ensino da Cartografia, o professor precisa dispor de meios que venha tornar a prática de ensino mais viável e motivadora aos alunos. Ter a vontade de ensinar, para que os alunos tenham a vontade de aprender. E por se tratar de um público jovem, um dos meios para encurtar essa distância entre ensino e aprendizagem, está justamente na adoção de práticas pedagógicas voltadas para o lúdico, particularmente os jogos pois, trata-se de uma ferramenta adequada para o ensino de Geografia tendo em vista que o jogo possui um grande elemento motivador que contribui com a construção do conhecimento do estudante.

Dessa forma, o ato de ensinar Geografia requer ao docente a adoção de estratégias de ensino que promovam o desenvolvimento de habilidades e o aprendizado dos alunos. Muitos são os jogos que podem ser usados na educação, mas um em particular exerce um extenso leque de contribuição, nesse caso, a utilização do Role Playing Game (RPG), apresenta características interessantes para auxiliar no ensino cartográfico.



CONCLUSÕES

O processo de ensino em Geografia tem encontrado dificuldades que acaba colocando o professor em desafios constantes na tentativa de auxiliar os alunos na construção do conhecimento, do mesmo modo, observa-se os problemas recorrentes a alfabetização Cartográfica. Esses desafios se expressam como a má gestão dos diretores, a indisciplina dos alunos, falta de recursos, a desmotivação dos professores, a má formação dos alunos nos conceitos básicos da Cartografia, entre outras.

Portanto, faz-se necessário adotar novos métodos pedagógicos que estejam mais ligados a realidade do aluno, assim como os assuntos lecionados. Mesmo sabendo que é extremamente complicado compreender o contexto histórico de cada discente, ao menos precisa entender o meio no qual a escola está inserida e analisar o público com o qual ela atende. Além disso, para despertar os interesses dos alunos e contribuir na sua alfabetização Cartográfica, deve-se prestar atenção nas práticas lúdicas, cabendo ao professor saber dosar o jogo com a educação e tornar o processo de ensino e aprendizagem mais motivador, tanto para o docente como para o discente.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Rosângela D. de; PASSINI, Elza Y. **O Espaço Geográfico: Ensino e Representações**. 15 ed. São Paulo, SP. Contexto, 2011.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Geografia**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/geografia.pdf>>. Acesso em (12/10/2014)
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, Escola e Construção de Conhecimentos**. São Paulo: Papirus Editora, 1998. 10^a ed.
- DAMIANI, Amélia Luisa. **A geografia e a construção da cidadania**. In: CARLOS, Ana Fani A (org). **A Geografia na sala de aula**. 5^aed. São Paulo, SP. Contexto, 2003.
- KIMURA, Shoko. **Geografia no ensino Básico: Questões e propostas**. São Paulo, SP. Contexto, 2008.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

LACOSTE, Yves. **A Geografia**: Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. 8ª. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1988.

LUNKES, Rudi Pedro; MARTINS, Gilberto. **Alfabetização Cartográfica**: Um desafio para o ensino de Geografia. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1057-4.pdf>>. Acesso em (20/10/2014)

OLIVEIRA, Livia de. **Estudo Metodológico e Cognitivo do Mapa**. In: ALMEIDA, Rosana Doin de (org). **Cartografia Escolar**. São Paulo, SP. Contexto, 2007.

SIMIELLI, Maria Elena. **Cartografia no ensino fundamental e médio**. In: CARLOS, Ana Fani A (org). **A Geografia na sala de aula**. 5ªed. São Paulo, SP. Contexto, 2003.

_____. O Mapa como meio de Comunicação e Alfabetização Cartográfica. In: ALMEIDA, Rosana Doin de. **Cartografia Escolar**. São Paulo, SP. Contexto, 2007.

VESENTINI, José William. Educação e ensino da geografia: instrumento de dominação e/ou libertação. In: CARLOS, Ana Fani A (org). **A Geografia na sala de aula**. São Paulo, SP. Contexto, 2003. 5ªed.